

Título original
CHAGRIN D'ÉCOLE

Copyright © Éditions Gallimard, 2007

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Avenida Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P461d Pennac, Daniel, 1944-
Diário de escola / Daniel Pennac; tradução de Leny
Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Chagrin d'école.
ISBN 978-85-325-2372-3

1. Pennac, Daniel, 1944-. 2. Escritores franceses –
Biografia. 3. Educação – França. I. Werneck, Leny.
II. Título.

08-2863

CDD-848
CDU-821.133.1-94

Basta um professor – um só! – para nos salvar de nós mesmos e nos fazer esquecer dos outros.

Essa é, pelo menos, a lembrança que guardo do professor Bal.

Era nosso professor de matemática na segunda série do colegial. Do ponto de vista do gestual, o contrário de Keating; um professor minimamente cinematográfico: oval, eu diria, uma voz aguda e nada de particular que impressionasse o olhar. Ele nos esperava sentado junto à sua mesa, nos cumprimentava amavelmente, e logo nas primeiras palavras entrávamos na matemática. De que era feita essa hora que nos prendia tanto? Essencialmente da matéria que o professor Bal nos ensinava e da qual ele parecia habitado, o que fazia dele um ser curiosamente vivo, calmo e bom. Estranha bondade, nascida do conhecimento em si, desejo de partilhar conosco a “matéria” que alegrava seu espírito e que ele não podia conceber que nos fosse repulsiva, ou simplesmente estranha. Bal era formado de sua matéria e de seus alunos. Tinha algo do feliz da creche matemática, uma assombrosa inocência. A idéia de que ele pudesse ser zoadado não devia nunca ter passado e a vontade de zombar dele não nos teria nunca vindo, tão convincente era a sua felicidade em ensinar.

E, no entanto, não éramos um público dócil. Meio saídos todos do lixão de Djibuti, nem um pouco agradáveis. Guardo algumas lembranças de brigas noturnas, na cidade, e acertos de contas internos que não deviam nada à ternura. Mas, desde que entrávamos na sala de aula do professor Bal, ficávamos como que santificados pela nossa imersão na matemática, e, passada a hora, cada um de nós se refazia como *mathematikos!*

No dia de nosso primeiro encontro, assim que os mais fracos de nós começaram a contar vantagem sobre os seus zeros, ele respondeu

sorrindo que não acreditava nos *conjuntos vazios*. Então, fez perguntas muito simples e considerou nossas respostas elementares como pepitas preciosas, o que nos divertiu muito. Depois, escreveu o número 12 no quadro, perguntando-nos o que estava escrevendo.

Os mais espertos tentaram uma saída:

– Os doze dedos da mão!

– Os doze mandamentos!

Mas a inocência no sorriso dele desencorajava mesmo:

– É a nota mínima que vocês vão ter no *bac*.

Acrescentou:

– Se vocês pararem de ter medo.

E mais:

– Aliás, não vou voltar ao assunto. Não é do *baccalauréat* que nos vamos ocupar aqui, é da matemática.

De fato, não nos falou mais uma só vez do *bac*. Metro após metro, ele passou esse ano a nos levantar do abismo de nossa ignorância, divertindo-se em fazê-lo passar pelo poço mesmo da ciência; ele se maravilhava sempre com aquilo que sabíamos, apesar de tudo.

– Vocês acreditam que não sabem nada, mas se enganam, se enganam enormemente! Olha, Pennacchioni, você sabia que sabia isto?

Fica bem entendido que essa maiêutica não foi suficiente para fazer de nós os gênios da matemática, mas do fundo que era o nosso poço o professor Bal nos elevou a todos ao nível da borda: a média no *baccalauréat*.

E sem a menor alusão, nunca, ao futuro calamitoso que, segundo tantos outros professores e havia tanto tempo, nos esperava.

3

Seria ele mesmo um grande matemático? E, no ano seguinte, a professora Gi, uma gigantesca historiadora? E, na minha segunda série terminal o professor S., um filósofo fora da norma? Suponho que sim, mas para dizer a verdade ignoro-o; sei apenas que esses três aí eram habitados pela paixão comunicativa de suas matérias. Armados dessa paixão, eles foram me buscar no fundo do meu desencorajamento e só me largaram uma vez que eu tive meus dois pés bem plantados nos seus cursos, o que se revelou a antecâmara de minha vida. Não é que não se interessassem pelos outros, não, eles consideravam igualmente os seus bons e os seus maus alunos, e sabiam reanimar nestes segundos o desejo de compreender. Eles acompanhavam nossos esforços passo a passo, ficavam contentes com nossos progressos, não se impacientavam com nossas lentidões, não consideravam nunca nossos fracassos como uma injúria pessoal e se mostravam conosco de uma exigência tanto mais rigorosa quanto ela era fundada na qualidade, constância e generosidade de seu próprio trabalho. No mais, não se podem imaginar professores mais diferentes: o professor Bal, tão calmo e sorridente, um Buda matemático; a professora Gi, ao contrário, um tronco de ar, como se diz na minha vila, um tornado que nos arrancava da nossa ganga de preguiça para nos carregar consigo pelos cursos tumultuosos da história, enquanto o professor S., filósofo cético e de ponta (nariz pontudo, chapéu pontudo, ventre pontudo), imóvel e perspicaz, me deixava, ao cair da noite, com questões fervilhantes, que me queimavam para encontrar as respostas. Eu lhe entregava dissertações pletóricas, que ele qualificava de exaustivas, sugerindo com isso que o seu conforto de corretor preferiria deveres mais concisos.

Pensando bem, esses três professores só tinham um ponto em comum: eles nunca renunciavam. Eles não se deixavam levar pelas nossas confissões de ignorância. (Quantas dissertações a professora Gi me fez refazer, por causa de ortografia falha? Quantas aulas suplementares o professor Bal me deu porque me encontrava com um ar de desocupado, no corredor, ou sonhador, na sala de estudo? “E se nós fizéssemos uns quinze minutinhos de matemática, Pennacchioni, já que estamos aqui? Vamos lá, só uns quinze minutinhos...”)

A imagem do gesto que salva do afogamento, o punho que empurra você para cima, apesar das suas gesticulações de suicida, essa imagem bruta de vida da mão agarrando solidamente a gola de um casaco é a primeira que me vem quando penso neles. Na sua presença – em suas matérias – eu nascia para mim mesmo: um eu matemático, se posso dizer, um eu historiador, um eu filósofo, um eu que, no espaço de uma hora, *me* esquecia um pouco, *me* colocava entre parênteses, *me* desembaraçava do eu que, até o encontro desses mestres, me tinha impedido de me sentir verdadeiramente lá.

Outra coisa: parece-me que eles tinham um estilo. Eram artistas na transmissão de suas matérias. Suas aulas eram atos de comunicação, certamente, mas de um saber a tal ponto conhecido, que passava quase por uma criação espontânea. Sua facilidade fazia de cada hora um acontecimento de que nos podíamos lembrar como tal. É de crer que a professora Gi ressuscitava a história, que o professor Bal redescobria as matemáticas, que Sócrates se exprimia pela boca do professor S.! Eles nos davam aulas tão memoráveis quanto o teorema, o tratado de paz ou a idéia fundamental que constituíam, naquele dia, o assunto.

A influência deles sobre nós parava ali. Pelo menos a sua influência aparente. Fora das matérias que encarnavam, eles não nos procuravam impressionar. Não eram daqueles professores que se glorificam pela ascendência sobre um grupo de adolescentes com carência de imagem paterna. Teriam eles consciência de ser mestres libertadores? Quanto a nós, éramos seus alunos de matemática, de história ou de filosofia, e só. É verdade que nós tirávamos disso um orgulho um pouco esnobe, como os membros de um clube muito fechado, mas

eles teriam sido os primeiros a ficar surpresos de saber que, 45 anos depois, um de seus alunos, que graças a eles veio a ser professor, faria o papel de discípulo, a ponto de lhes erigir uma estátua! Tanto mais que, como a minha violoncelista de Blanc-Mesnil, uma vez de volta a suas casas, fora a correção de nossos exercícios ou a preparação das aulas, eles nem deviam pensar em nós. Eles tinham certamente outros centros de interesse, uma curiosidade aberta, que deviam alimentar sua força, o que explicava, entre outras coisas, a densidade de sua presença em classe. (A professora Gi, sobretudo, me parecia ter um apetite de devorar o mundo e suas bibliotecas.) Não era só o seu saber que esses professores partilhavam conosco, era o próprio desejo do saber! E foi o gosto da transmissão que eles me comunicaram. De repente, nós íamos às suas aulas com fome. Eu não diria que nos sentíssemos amados por eles, mas sim considerados (respeitados, diria a juventude de hoje), consideração que se manifestava até na correção de nossos exercícios, em que as anotações deles se endereçavam a cada um de nós em particular. O modelo do gênero eram as correções do professor Beaum, nosso professor de história no preparatório. Ele exigia que deixássemos em branco a última página de nossas dissertações para que ele pudesse escrever à máquina – em vermelho, espaço um – a correção detalhada de cada dever!

Esses professores, encontrados nos últimos anos da minha escolaridade, me mudaram muito com relação a todos aqueles que reduziam seus alunos a certa massa comum e sem consistência, “esta turma”, da qual eles só falavam no superlativo de inferioridade. Aos olhos destes, nós éramos sempre a pior oitava, nona do fundamental, primeira, segunda ou terceira do médio, que eles nunca tinham tido uma classe menos... se... Poderia dizer-se que eles, de ano em ano, se endereçavam a um público cada vez menos digno dos seus ensinamentos. Eles se queixavam à direção, aos conselhos de classe, às reuniões de pais. As queixas deles acordavam em nós uma ferocidade particular, algo como a raiva que levaria o naufrago a arrastar no seu afogamento o comandante incompetente que deixou o navio bater contra os recifes. (É, enfim, uma imagem... Digamos que eles eram, sobretudo, os nossos culpados ideais, como nós éramos os deles;

a depressão rotineira deles engendrava em nós uma maldade de conforto.)

O mais terrível deles foi o professor Blamard (Blamard é um pseudônimo), triste carrasco dos meus nove anos, que fez chover tantos maus pontos sobre a minha cabeça que ainda hoje, espremido numa fila de administração, me acontece considerar meu tíquete de espera como um veredicto de Blamard: "Nº 175, Pennacchioni, sempre tão longe das felicitações!"

Ou aquele professor de ciências naturais, em série terminal, a quem devo minha expulsão do liceu. Reclamando de que a média geral "dessa turma" não excedia os 3,5/20, ele tinha cometido a imprudência de nos perguntar a razão. Cabeça alta, queixo empinado, expressão crispada:

– Então, alguém pode explicar essa... proeza?

Levantei o dedo bem-educado e sugeri duas explicações: ou nossa turma constituía uma monstruosidade estatística (32 alunos que não podiam ultrapassar uma média de 3,5 em ciências naturais), ou este resultado famélico sancionava a qualidade do ensino dispensado.

Contente comigo, suponho.

E posto na rua.

– Heróico, mas inútil – observou-me um colega. – Você sabe a diferença entre um professor e uma ferramenta? Não? O mau professor não pode ser consertado.

Expulso, então.

Fúria de meu pai, é claro.

Lembranças sujas, aqueles anos de rancor ordinário!